

IMPLANTAÇÃO DO CURSO PÓS-TÉCNICO FLORESTAL NA AMAZÔNIA

Waldhoff, P. - Escola Agrotécnica Federal de Manaus (EAFM)

Matos, J.C de S. - EMBRAPA/CPAA-Manaus

Rabelo, J. L do N. - Escola Agrotécnica Federal de Manaus (EAFM)

Viana, V. M. - Departamento de Ciências Florestais - ESALQ/USP

Azevedo, T. R. de - Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (IMAFLOA)

A criação de escolas técnicas florestais na região amazônica vem sendo defendida, sem sucesso, desde as missões da FAO no Brasil na década de 50. Hoje, com as reflexões oriundas dos esforços voltados para a busca de estratégias voltadas para o desenvolvimento sustentável da região, a necessidade de profissionais de nível médio com competência para o manejo de recursos florestais madeireiros e não madeireiros é ainda mais justificada. Atualmente, a maior parte da produção de madeira do Brasil vem da Amazônia, que está muito próxima de se tornar o maior exportador de madeira tropical do mundo. Segundo previsões da ITTO (Organização Internacional de Madeira Tropical), o Brasil ultrapassará a Malásia, hoje maior exportador, ainda neste milênio. O aumento da participação do Brasil no mercado externo e a posição de maior consumidor mundial de madeira tropical, tem sido calcado numa exploração dos recursos florestais não planejada, altamente impactante e muitas vezes ilegal. Estudo de diagnóstico da SUDAM, realizado em 1995 no setor madeireiro, identificou a falta de técnicos capacitados, sobretudo de nível médio, como um dos principais fatores limitantes para a implantação de boas práticas de manejo florestal. Até recentemente, existiam apenas 3 escolas com curso técnicos na área florestal no Brasil. O curso da escola de Irati no Paraná (PR) criado em 1969 em Ponta Grossa – PR, e transferido em 1972 para Irati-PR. Objetivando atender a uma exigência do mercado, de profissionais entre os trabalhadores e os engenheiros florestais, o curso iniciou com um período regular técnico com duração de três anos, e a partir de 1983 deu-se início do curso florestal supletivo com duração de 18 meses. O curso regular foi fechado em função da criação do PROEM - Programa de Expansão, melhoria e inovação no ensino médio do Paraná, que classificaram o curso como pós-médio. Outro curso de técnicos florestais é o da escola de Ji-Paraná em Rondônia, implantado em 1993, dentro de uma escola fundada em 1981, totalmente de nível estadual, com a filosofia de escola fazenda. A implantação baseou-se na grade curricular de IRATI, com pequenos ajustes de conteúdos e técnicas visando adequar-se à realidade do estado de Rondônia. Uma das dificuldades que a escola enfrenta é a contratação de pessoal técnico, que muitas vezes são engenheiros florestais os quais não possuem formação pedagógica. Além destes dois cursos já em andamento, está em implantação o curso para técnicos florestais em Cáceres, Mato Grosso. Em face a esta realidade, a EAFM implantou em 1998, com o apoio do IMAFLORA, o curso pós técnico na área florestal, com o objetivo de capacitar técnicos de nível médio, formados em agropecuária, a implantarem e promoverem o bom manejo florestal na Amazônia, atendendo assim à demanda da comunidade científica, técnica, empresarial e da sociedade civil como um todo. A meta é formar anualmente 24 (vinte e quatro) profissionais, preferencialmente

originários da área rural da Amazônia, para atuarem nas empresas florestais madeireiras e não-madeireiras, com populações tradicionais e movimentos sociais, além de órgãos governamentais (assistência técnica, pesquisa e fiscalização) e ONGs. A EAFM é uma autarquia de ensino médio responsável pela formação e qualificação de profissionais voltados para o setor primário, na área de agropecuária. Em 1996 a EAFM foi uma das pioneiras com mais 5 escolas a adotar a reformulação curricular que visa uma sistemática de ensino totalmente modular. Em decorrência das mudanças no ensino técnico no Brasil, atendendo às demandas de mercado de trabalho e já contemplando a nova Lei de Diretrizes Básicas (LDB) instituída em Dez/96, a EAFM vem formando parcerias com várias instituições, que dispõe de profissionais capacitados para ministrar os módulos profissionalizantes e instalações que favorecem a execução dos módulos. A criação deste curso foi resultado da análise da realidade regional, suas potencialidades e perspectivas, dando ênfase maior para o manejo de florestas naturais do que para o reflorestamento. O curso representa uma iniciativa pioneira a nível regional, formando parcerias entre o setor governamental, privado, ONG'S e instituições de pesquisa, destacando-se as estabelecidas entre a EAFM e a EMBRAPA, INPA, ESALQ/USP, IMAFLORA, FUA, AMAZON, FFT, Gethal S/A, Mil Madeireira, entre outras. O papel destas instituições tem sido muito importante, com a participação de seus profissionais e disponibilização da infra-estrutura, na elaboração da grade curricular e no desenvolvimento dos módulos profissionalizantes. A grade curricular do curso foi elaborada através de um processo que envolveu a realização de 2 workshops, que reuniram cerca de 42 pessoas ligadas aos diversos seguimentos do setor florestal. Através do apoio do SEBRAE e FIEAM, a proposta final do curso foi elaborada, discutida e submetida à apreciação (através de ampla carta consulta) pelos diversos setores do âmbito do ensino florestal, da atividade madeireira, dos estudos sobre os ecossistemas amazônicos e principalmente daqueles que visam minimizar os impactos ambientais provocados pelo desenvolvimento florestal na Amazônia. A grade curricular é dividida em 11 módulos distribuídos em: Módulo 1 - Ecologia, História e Legislação; Módulo 2 - Planejamento e uso da terra; Módulo 3 - Colheita da madeira; Módulo 4 - Manejo e colheita de produtos não-madeireiros; Módulo 5 - Beneficiamento de produtos madeireiros e não madeireiros; Módulo 6 - Monitoramento e Tratos Silviculturais; Módulo 7 - Manejo de Florestas Plantadas; Módulo 8 - Sistemas Agroflorestais e Permacultura; Módulo 9 - Economia e Comercialização; Módulo 10 - Extensão Florestal e Educação Ambiental; Módulo 11 - Treinamento Gerencial. Além destes módulos, são repassadas noções básicas em informática, matemática e estatística, bem como os princípios da metodologia científica. O curso finaliza com um trabalho de monografia ou estágio supervisionado. A busca de profissionais para tratarem os temas propostos, dando um enfoque técnico e prático, é um desafio constante. Neste sentido, a cooperação de pesquisadores, professores e técnicos da região amazônica ou com atividades ligadas à região, lecionando e sendo instrutores nos módulos, tem sido de vital importância na formação dos profissionais que estão sendo qualificados. O perfil dos instrutores depende do módulo e dos temas abordados, com a participação de pesquisadores com pós-graduação em diferentes universidades no Brasil e no exterior, porém, com ampla aplicação prática de seus conhecimentos, no sentido de atender a demanda social e ambiental da Amazônia. Em alguns módulos, tem sido essencial a participação de índios e artezões, que transmitem os conhecimentos de uso de produtos florestais não madeireiros, ampliando as possibilidades de utilização dos recursos florestais. Considerando o fato de que populações tradicionais - índios, seringueiros, ribeirinhos, etc - detêm a propriedade de vastas áreas (superiores a 100 milhões de ha) e possuem um grande potencial para o manejo florestal, dado o seu elevado nível de conhecimento empírico sobre os ecossistemas florestais. O objetivo é que os técnicos tenham conhecimento das distintas realidades e problemas encontrados no cenário amazônico, tendo,

através de sua formação, flexibilidade para buscar soluções adequadas. A sensibilização destes futuros profissionais para o componente florestal no cotidiano da Amazônia é de extrema importância, respeitando a aptidão natural da região, o que tem sido negligenciado nos diferentes níveis da educação formal e informal nesta região. Reverter este quadro é um desafio que requer um esforço concentrado das instituições de ensino na Amazônia, o estabelecimento de parcerias entre elas e as instituições que trabalham no setor ambiental, florestal e social, visando uma abordagem temática e inserida na realidade regional e global.